

CINEMA E ESTÉTICA: A CATARSE EM DIFERENTES CONTEXTOS

Dilma Francisco Rodrigues dos Santos*

Resumo: A relação entre cinema e arte é inevitável nos dias de hoje. É realmente indiscutível o valor dado à celeridade da inserção dos produtos midiáticos na sociedade contemporânea e o fascínio que a produção imagética exerce sobre as pessoas de um modo geral. De cinéfilos a cineastas, todas as pessoas que tem contato com o cinema é atraído de alguma forma pela sensação estética que essa arte produz. É deste fenômeno tão abrangente, com enfoque no sentido sócio- histórico e cultural da apreciação do cinema que trata este artigo.

Palavras-chave: Arte. Cinema. Filosofia. Estética. Catarse.

Introdução

Considerar um filme como arte facilita a compreensão de que o cinema em toda dimensão pode ser o instrumento e fonte de conhecimentos. A partir do cinema é possível desenvolver uma série de leituras acerca dos mais diversos temas e com isso possibilitar a formação do sujeito crítico capaz de argumentar e defender suas ideias, problematizando-as, ou seja, na formação de um homem filósofo.

O cinema existe como elemento da estética, cuja experiência se encontra e aproxima de elementos éticos, ou melhor, da formação e do exercício da ética. Questionando acerca do conceito de arte, Coli (1981) discute que cada cultura é dotada de instrumentos e elementos específicos para a análise e decisão sobre a definição do que é arte. Para isso é considerado o posicionamento de museólogos, críticos, historiadores e peritos em arte. Em cada cultura é definido também o lugar específico para as manifestações artísticas. Quanto à sétima arte¹, o autor considera o “cinema de arte”, cujos filmes devem romper com a banalidade daqueles veiculados

* Graduanda do Curso de Filosofia Programa de Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: dilma.smed@gmail.com.

¹O cinema é considerado a sétima arte. A Pintura, a Escultura, a Arquitetura, a Música, a Dança, a Poesia e o Canto são as seis artes primeiras artes (Cf. FERREIRA, 2001).

em circuitos comuns. Em qualquer contexto a produção cinematográfica apresenta elementos que favorecem o desenvolvimento intelectual, bem como valores que podem fazer do homem um ser que pensa, sente, enfim um filósofo.

Arte e cinema em contextos distintos

O desenvolvimento tecnológico observado desde as últimas décadas do século XX reflete o crescimento da indústria audiovisual. Nesse contexto, a experiência humana com a estética é marcada pelas mídias e as indústrias culturais. O caráter mercantilista da sociedade atual influencia as relações com a produção artística e o consumo de bens culturais. A ampliação do desenvolvimento tecnológico no campo da comunicação interfere na abertura de novos canais de divulgação pelos meios audiovisuais, o que coincide com o desejo dos atores sociais, insaciáveis por novidades. São plataformas como a internet e a telefonia móvel, por exemplo, que vão permitir maior interatividade, e, portanto ampliar o acesso aos bens culturais pelos consumidores.

Apesar dessa abertura ainda existe desigualdade quanto à produção e consumo cultural a nível mundial. Enquanto os países que compõem a América latina e África foram responsáveis por 3% e 1%, respectivamente, do comércio mundial de bens culturais em 2002; a Europa (51,8%), a Ásia (20,6%) e a América do Norte (16,9%) detêm as grandes exportações de produtos culturais. Os países ricos também dominam as importações desses produtos – mais de 90% do total mundial importado – com destaque para os Estados Unidos da América (EUA), Reino Unido e Alemanha. (UNESCO, 2011). Isso coloca os países da América latina na condição de consumidores apenas, o que agrava a desigualdade de acesso à informação e participação das atividades de entretenimento historicamente construída nas relações entre as indústrias culturais, isso implica na distribuição desigual dos benefícios econômicos entre os povos. A disparidade é demonstrada no fato de que, enquanto Hollywood detém 85% das rendas de bilheterias no mundo todo, apenas 2% da população mundial já assistiu a filmes africanos.

Para romper com esse quadro, é necessário o empenho pelo respeito à diversidade das identidades e universalização das expressões culturais², que se encontram ameaçadas pela celeridade da globalização. Segundo a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade de Expressões Culturais, tratado da UNESCO, que entrou em vigor em março de 2007 é necessário, ainda que oportunizem “a criação, produção e disseminação de atividades, bens e serviços culturais domésticos, o que inclui os idiomas [...]” (UNESCO, 2011, p. 01).

Nesse sentido, observa-se, que são estruturadas outras redes em âmbito mundial por meio de organizações e instituições que se responsabilizam em viabilizar manifestações culturais e consumos audiovisuais em espaços alternativos de produção, que não apenas restringí-los a espaços hegemônicos, facultando meios de exibição que possibilitem a sociabilidade, que permitam outros aprendizados de forma a assegurar a diversidade cultural.

No Brasil, a indústria cinematográfica tem crescido nos últimos anos. No período compreendido entre os anos de 2000 e 2006 foram produzidos 368 filmes. Porém desse total a maioria é exibida apenas em amostras e festivais. Ainda é insuficiente a formação de público para audiência de produtos desta natureza. Outra questão a ser pontuada é a falta de profissionalização de quadros para a atuação como produtores no campo do cinema e audiovisuais, tanto na perspectiva estética quanto na educacional (UNESCO, 2011).

A catarse no âmbito sócio-cultural e histórico em dois contextos específicos

Em Vitória da Conquista/BA³ o primeiro cinema foi instalado em 1912, sob a denominação de “Cinematógrafo” de propriedade do Sr Jacinto sampaio. Em seguida outros cinemas foram instalados: o Cinema “Jurandyr”, em 1917, que depois de algum

² Expressões culturais são definidas como expressões que resultam da criatividade dos indivíduos, grupos e sociedades que tenham conteúdo cultural (UNESCO, 2011).

³ Está localizado na Região Sudoeste do estado da Bahia, a uma distância de 512 km da cidade de Salvador, capital do estado, por meio da BR-116. Ocupa uma área de 3.743 Km² e limita-se com os municípios de Anagé, Planalto, Barra do Choça, Itambé, Ribeirão do Largo, Encruzilhada, Cândido Sales e Belo Campo. Vitória da Conquista é considerada a terceira cidade do estado, em termos populacionais, tem cerca de 306.866 habitantes e confere um amplo desenvolvimento sócio-econômico (IBGE, 2010).

tempo teve o nome mudado para “Cine Íris”; o “Cinema Ideal”; o “Cine Conquista”, aberto em 1934. Após esse período vários cinemas foram fechados e outros tantos abertos (VIANA apud AGUIAR 2010, p. 21). O último cinema de rua Vitória da Conquista foi Cine Madrigal, atualmente a cidade conta apenas com salas de cinema do Shopping Conquista Sul.

Em Planalto⁴ funcionou, por aproximadamente duas décadas (entre os anos 50 a 70 do século XX) o Cine Teatro Veneza, que segundo o relato de muitos moradores, deixou marcas significativas na memória do povo. O cine Teatro Veneza começou a ser construído em 10 de maio de 1957 e foi inaugurado em 1959, com o nome de “Cine Brasil” de propriedade do Sr. Carlos. A maioria dos filmes exibidos era do gênero *western*, durante um longo período as sessões eram diárias, sempre à noite, passando a restringir-se aos domingos e um dia no meio de semana. Em meados dos anos 60 o prédio foi vendido para Nivaldo Oliveira Araújo, proprietário da rede de cinema Glória, de Vitória da Conquista/Ba. Em 1976 a rede de cinema Glória que passou a ser dirigida pelo senhor Ricardo Oliveira Araújo, filho de Nivaldo Araújo, começou a falir e o cine Teatro Veneza foi transformado em depósito de café até 1982. Apesar da depredação e abandono pelo poder público o prédio construído a mais de 50 anos ainda tem piso, telhado e pintura originais, porém serve apenas de almoxarifado da prefeitura municipal.

Diante de contextos tão distintos é possível mensurar a relação das pessoas com o fenômeno cinema? O que representa o contato com um filme nas salas de cinema de rua em Vitória da Conquista em 1912 e em Planalto em 1959 e as novas salas de um shopping de Vitória da Conquista em 2011?

Aristóteles percebe os benefícios que a arte proporciona pelo efeito denominado de “catarse” que ela exerce sobre o homem.

A catarse é a libertação do que é estranho à essência ou à natureza de uma coisa e que, por isso, a perturba ou corrompe. Esse termo, de origem médica, significa “purgação” [...]. Platão define a C. como “a

⁴ Município localizado na Região Sudoeste do estado da Bahia. Tem sua população estimada em 24.481 habitantes. Apresenta uma área territorial de 961, 689 Km². Limita-se com os municípios de Anagé, Vitória da Conquista, Barra do Choça, Bom Jesus da Serra, Caatiba, Nova Canaã e Poções (IBGE, 2010).

discriminação que conserva o melhor e rejeita o pior” (Sof, 226 d). E lembra a existência de livros de Museu e Orfeu, segundo os quais "os adeptos celebram sacrifícios persuadindo cidadãos e cidades inteiras de que existem absolvições e purificações dos atos injustos, por meio de sacrifícios e jogos aprazíveis, tanto para os vivos como para os mortos". [...] Aristóteles utilizou amplamente esse termo em seu significado médico, nas obras sobre história natural, como purificação ou purgação. Mas foi o primeiro que o usou para designar também um fenômeno estético, qual seja, uma espécie de libertação ou serenidade que a poesia e, em particular, o drama e a música provocam no homem (ABBAGNANO, 1998, p. 120).

Por meio do contato com as diversas linguagens artísticas: a música, a poesia, o teatro, o cinema, a dança e as artes plásticas o homem é impelido a experimentar emoções como o medo, a alegria, o ódio, a piedade, sem contudo ficar desesperado, uma vez que isso não ocorre na realidade. Com a sensação de catarse é recobrado o alívio das angústias e o equilíbrio pessoal.

Das muitas interpretações sobre a Catarse estética, prevalece a de Goethe (*Nachlese zu Aristot. Poetik*, 1826), para quem ela consistiria no equilíbrio das emoções que a arte trágica induz no espectador, depois de ter suscitado nele essas mesmas emoções, e portanto, na sensação de serenidade e pacificação que ela proporciona (ABBAGNANO, 1998, p. 120).

As percepções de espanto e admiração provocados pela leitura de um filme pode desencadear o pensar filosófico. “Na medida em que identificamos as imagens da tela com a vida real, pomos nossas projeções-identificações referentes à vida real em movimento” (MORIN, 2008, p. 151). E isso ocorre devido à experiência das emoções que são proporcionadas por meio do contato com a manifestação artística, mas não daquelas comuns, mas segundo Bell (apud ROBINSON) “[...] um tipo especial de emoção evocado pela forma, principalmente nas artes visuais e na música” (ROBINSON, 2008, p. 223). A professora Jenefer Robinson explica que nesse sentido o autor se referia à “emoção estética”, cujo sentido

[...] não é senão um tipo especial de admiração, assombro e/ou alegria evocada por uma forma criada com sucesso e não por conteúdo representacional, isto é, ela é realmente uma emoção “de

vida” comum que tem um tipo especial de objeto, especialmente a forma artística (ROBINSON, 2008, p. 224)

Representantes da filosofia antiga Platão e Aristóteles, em seus diálogos abordavam a interrelação da emoção e com as artes. Ambos afirmavam o poder da arte em despertar emoções, porém apenas Aristóteles considerava esse fenômeno como fato positivo.

A tragédia, disse ele, “é imitação elevada e completa da ação, que tem certa extensão, pela linguagem e diversas espécies de adornos distribuídos em suas várias partes; imitação realizada por atores e não em forma narrativa e que, suscitando o terror e a piedade, chega à purificação de tais afetos (*Poet.*, 1449, *apud* ABBAGNANO, 1998, p. 120).

O sentido atribuído às emoções e a capacidade de se purificar de sentimentos negativos por meio da catarse estão relacionados com a base biológica individual, mas da mesma forma existe também influência dos aspectos sociais e culturais sobre o modo de reação de cada um. A avaliação feita acerca de afetos como ofensa, raiva, medo difere entre pessoas, uma vez que em cada cultura as “visões de mundo” são diferentes (Cf. ROBINSON, 2008).

A herança biológica não é enfatizada nesse sentido como produtora de significados e, portanto construtora da identidade cultural. Ela não mais é considerada como determinante, mas, a ênfase incide sobre a cultura, que corresponde à socialização do indivíduo na convivência com seu grupo cultural (CUCHE, 1999). Percebe-se assim que a leitura do cinema, enquanto arte, decorre do indivíduo em sua singularidade. Singularidade essa construída a partir das relações socio-culturais. A maneira como se vivencia eventos culturais, ou seja, como usufrui de uma determinada manifestação artística trata-se, portanto de uma questão de identidade cultural dos indivíduos e não somente de aspectos biológicos.

Sendo assim o cinema existe como possibilidade de catarse, uma vez que as leituras são especificamente individuais. No entanto o modo como se percebe um mesmo filme pode se assemelhar entre os indivíduos em decorrência dos elementos culturais que os mesmos compartilham.

Durante as primeiras exibições de filme em Planalto, por exemplo era comum as pessoas demonstrarem seus sentimentos em público, ora xingando, ora defendendo os personagens em voz alta. Atualmente essas pessoas apresentam um comportamento diferente ao frequentarem as salas de cinema no Shopping Conquista Sul, em Vitória da Conquista. Até mesmo a forma de se vestirem para ir ao cinema é diferente. Em 1959, durante as primeiras exibições no Cine Teatro Veneza as pessoas usavam “roupa de festa”, isto é a melhor roupa de que dispunham e realmente se sentiam importantes, felizes por frequentarem aquelas salas.

Embora essa situação possa dar a ilusão de que o sujeito que aprecia o objeto artístico, fique de algum modo aprisionado ao objeto por conta de sua própria capacidade perceptiva, devido à qualidade de conhecimento, Kant torna claro que, é exatamente por meio da percepção estética, que o sujeito se liberta das imposições do conhecimento conceitual, e vê na experiência do belo, talvez, a realização das capacidades mais elevadas da humanidade. Na qual o critério de beleza exprime o prazer desinteressado [...] (COSTA, 2008).

A respeito da participação cinematográfica Edgar Morin (apud XAVIER, 1983, p. 152) esclarece que ainda com o cinematógrafo⁵, aos poucos o contexto histórico favorecia às pessoas mudarem a concepção acerca das projeções cinematográficas.

Foi esta incerteza, por pouco que fosse, vivida durante as primeiras sessões: pessoas fugiam gritando porque um veículo avançava sobre elas; senhoras desmaiavam. Mas não tardaram a cair em si: o cinematógrafo acabava de surgir numa civilização onde a consciência da irrealidade da imagem estava de tal maneira enraizada, que a imagem projetada, por mais realista que fosse, nunca podia ser considerada como praticamente real.

Por isso vale dizer que tanto planaltenses, como conquistenses, nos diferentes tempos históricos – há um século para Vitória da Conquista e cerca de meio século atrás para Planalto, se comportaram e manifestaram suas emoções segundo sua

⁵ Aparelho crono-fotográfico, inventado em 1895, que reproduz numa tela o movimento, mediante uma sequência de fotografias (Cf. FERREIRA, 2001).

singularidade, mas permeadas pela cultura de um povo em seu momento histórico e social. O sentido do cinema perpassa gerações e adquire sentido, não por uma imposição de sua produção, mas sobretudo pela percepção desencadeada conforme o nível de participação.

O cinema abriu-se a todas as participações; adaptou-se a todas as necessidades subjetivas. Por isso é, segundo a fórmula de Anzieu, a técnica ideal da satisfação afetiva e o é, efetivamente, a todos os níveis de civilização e em todas as sociedades (MORIN, 1983, p. 170).

A experiência com o cinema é extremamente ampla dada a importância sociológica do fenômeno cinematográfico na construção de sujeitos críticos. Atualmente entre os mais jovens a leitura de imagens ocorre mais que a leitura de letras, inevitavelmente, o que sinaliza para o valor do cinema, como meio de expressão e comunicação em qualquer contexto.

[...] é absolutamente imprescindível compreender-se que magia, afetividade e estética não são essências, mas momentos, modos do processo de participação (MORIN, 1983, p. 171).

Compreende-se dessa forma que o que vai determinar o retorno a nível psicológico ou de conhecimento é justamente a participação.

Conclusão

Para quem entende o valor da arte no processo de humanização dos homens por meio do efeito estético, próprio das linguagens artísticas é possível aceitar a idéia de que o cinema rompe com a lógica mercantilista que acaba por restringir o acesso à determinada parcela da sociedade.

O modelo de sociedade brasileira contemporâneo está marcado pela exclusão, iniciada nos processos de escolarização dos mais novos, pela ineficiência da transmissão de conhecimentos e valores propedêuticos à inserção na vida adulta e profissional nas instituições escolares. A exclusão das pessoas também se dá no modo

de distribuição dos bens culturais como o acesso ao cinema. Diante desse contexto é importante discutir cinema enquanto fenômeno social, político e artístico.

Ao analisar aspectos históricos do cinema e a influência da estética da arte cinematográfica pode-se compreender a urgência de uma tomada de decisão mais objetiva na defesa da garantia de acesso à sétima arte, bem como aos valores em que se acredita possa ser possível construir a partir do contato com o cinema. Valores estes consubstanciados em atitudes e ações que façam prevalecer o homem enquanto ser capaz de se sensibilizar; de ser ao mesmo tempo criativo e equilibrado; capaz de transcender, ainda que imerso numa sociedade de caráter excludente e excessivamente consumista.

Uma das possibilidades viáveis continua sendo a educação. O debate acerca da inserção das várias linguagens artísticas e particularmente o cinema no contexto escolar, desde os anos iniciais, precisa tomar consistência nos meios acadêmicos, sobretudo nos cursos de licenciatura e formação de docentes. É imprescindível a defesa do acesso às produções cinematográficas, bem como da leitura de textos midiáticos de forma a estabelecer uma conexão entre cinema e mundo real num contexto atual.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

COSTA, Maria Luiza. Estética clássica e estética crítica. **Filosofia capital**, v. 3, n. 7, 2008, p. 45-50.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

IBGE CIDADES@. **CENSO 2010**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso jun de 2011.

FERREIRA, Aurélio B. Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

KIVY, Peter. **Estética: fundamentos e questões da filosofia da arte**. São Paulo: Paulus. 2008.

MORIN, Edgar. A alma do Cinema. In: XAVIER, Ismail (ORG.). **A Experiência do Cinema**. Rio de Janeiro: Graal: Embrafilmes, 1983.

UNESCO aborda relação entre cultura e comércio. *Original publicado em inglês em Bridges Monthly Review, Ano 11, No. 6, out. 2007. Tradução e adaptação: Equipe Pontes*. Disponível em <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/>. Acesso jun de 2011.

VIANA, Aníbal Lopes. In: AGUIAR, Itamar Pereira de. Imagem, imaginação, imaginário: trajetória iluminada de uma atração. ALMEIDA, Jorge Miranda de Almeida; AGUIAR, Itamar Pereira de (ORG.). **Filosofia, cinema e educação**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010.

